

O VOCABULÁRIO INDIANISTA E IDEOLÓGICO DE JOSÉ DE ALENCAR

*Eliamar GODOI**

1 - Introdução

Este artigo tem como finalidade básica apresentar o vocabulário indianista utilizado por José de Alencar na obra *Ubirajara*. Trata-se de um estudo sobre o léxico romântico – nacionalista deste autor que idealizou cenários representativos para uma época em que o Brasil vivia um período atribulado. Temos, também, o intuito de evidenciar os traços ideológicos desse autor, que criou uma atmosfera de aventuras que envolveram poesia e prosa num contexto amplamente metafórico e descritivo do ideário brasileiro.

Escolhemos esta obra como *corpus*, dentre outros motivos, por ser José de Alencar um autor pertencente ao Romantismo e que muito contribuiu para o engrandecimento da cultura brasileira, sobretudo, na literatura. E sabe-se que foi o gênero indianista que lhe trouxe maior popularidade. Nesse contexto, o estilo indianista ecoa o nacionalismo e a exaltação da natureza pátria, além da preocupação histórica, que são tendências mais marcantes pregadas pelo Romantismo.

O período romântico representou um tempo de grandes transformações para o Brasil, em uma época de carência de evolução industrial. Dessa forma, o Romantismo representou a tendência de um povo que vinha de um colonialismo puro e que ainda mantinha colunas do poder agrário e uma monarquia conservadora apesar dos surtos republicanos. Assim, os homens letrados brasileiros

* Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU e professora do Ensino Fundamental da rede pública Municipal e Estadual.

ansiavam por um passado de glórias para um país recém formado. Neste contexto, Bosi ressalta que:

Os exemplos mais persuasivos vêm dos melhores escritores. O romance colonial de Alencar e a poesia indianista de Gonçalves Dias nascem da aspiração de fundar um passado mítico à nobreza recente do país. (BOSI, 2001, p.92)

Alencar objetivava justificar os brasileirismos de alguns romances e os estrangeirismos em outros, pois suas narrativas cobriam o passado e o presente, em todos seus aspectos sociais e culturais. Ele comporia, então, segundo Bosi (2001), uma espécie de ‘*suma romanesca do Brasil*’. Isto, por meio de personagens que enalteciam a pátria, já que a nação e o herói foram os grandes mitos dinamizados pelo Romantismo. A hipótese da criação desses brasileirismos nos motivou a fazer um estudo aprofundado desta inventividade de Alencar, que criou belezas através da potencialidade simbólica da língua.

A obra *Ubirajara* (1874) produzida por José de Alencar é a que nos interessa mais de perto, pois é objetivo desse trabalho a investigação lexical, sobretudo no que se refere à ideologia desse autor, a qual estará representada em seus personagens, cenários e léxico. Interessa-nos, no entanto, o léxico indianista, já que Alencar buscou nesta fonte um ‘abrasileiramento’ vocabular e cultural. Assim, partimos do pressuposto de que uma obra de tal importância apresentará inúmeras construções léxicas representativas do estilo e da ideologia desse autor.

José de Alencar criou mitos com as qualidades que mais valorizava como: pureza, lealdade e coragem. Assim, foi nos romances nativistas (*O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*) que o mito do bom selvagem se desdobrou em heróis que ganharam vida em uma paisagem natural retratada por Alencar. Assim, Bosi esclarece:

O Brasil ideal de Alencar seria uma espécie de cenário selvagem onde, expulsos os portugueses, reinariam capitães altivos, senhores de baração e cutelo rodeados de sertanejos e peões, livres sim, mas fiéis até a morte. (...) Esses traços ideológicos, insistentes nos painéis coloniais e nativos como na obra *Ubirajara*, afinam-se na prosa lírica de *Iracema*, obra-prima onde se decantam os dons de um Alencar paisagista e pintor de perfis firmes e claros na sua admirável delicadeza. (BOSI, 2001, p.138-139)

Um outro objetivo desse trabalho é o de comparar dentre vários dicionários a existência, ou seja, a dicionarização do léxico indianista encontrados nessa obra e, ainda, analisar as marcas de uso nos dicionários pesquisados especificamente nestas palavras selecionadas para este trabalho. Sabe-se que muitas dessas palavras são meras criações do autor e também, que muitas já se encontram dicionarizadas. Assim, qual seria esta abordagem atualmente, lexicograficamente falando? Quais seriam as marcas de uso mencionadas por esses dicionários? Para isso, serão usados como corpus de pesquisa e comparação os seguintes dicionários: *Dicionário Aurélio* (formato eletrônico), *Dicionário Houaiss* (formato eletrônico), *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Francisco Júlio Caldas Aulete (1964), *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi* de Antônio Geraldo da Cunha, 1998, e por último, *Vocabulário Tupi Guarani - Português* de Francisco da Silveira Bueno, 1987. Far-se-á necessário comparar também as definições dadas pelo autor de alguns termos, já que faz parte do estilo dele trazer concomitante à narrativa o vocabulário esclarecendo os termos que ele considera desconhecido dos leitores. Isto, para verificar a concordância ou discordância de sentidos entre a obra e os dicionários pesquisados.

Em relação à metodologia, foi feito um levantamento do léxico indianista presente na obra

Ubirajara para a elaboração da análise do qual foram escolhidas 14 palavras representativas desse léxico característico. No que tange às abonações, estas, virão logo após as palavras mencionadas a serem analisadas trazendo as palavras de entrada em negrito. As abonações deverão tomar uma oração completa ou sintagma para que o lexema possa ser esclarecido. Após a abonação virá a localização na obra, entre parênteses, compreendendo a abreviatura da obra, a indicação da página e data.

O *corpus* de base dessa pesquisa reunirá apenas quatorze verbetes relativos ao indianismo dentre os coletados da obra que, consideradas indianistas, deverão ser pesquisadas em todos os dicionários mencionados para verificar se tais palavras já se encontram dicionarizadas. Se sim, verificar-se-á como foram abordadas pelos dicionaristas e quais marcas de uso foram usadas. Se não, verificar-se-á se as mesmas são criações do autor. Serão analisados também alguns períodos que poderão funcionar como indicadores da tendência romântica como o nacionalismo e a exaltação à natureza e até mesmo, indicadores do estilo do autor, na tentativa de demonstrar as estratégias utilizadas para dar a cor local e demonstrar o ponto de vista do mesmo em relação ao léxico, à literatura, à criação do cenário e herói tipicamente brasileiros. Isso, para assim poder constatar, em *Ubirajara*, uma obra representativa do Romantismo brasileiro sendo modelada pela ideologia de José de Alencar. Os verbetes são os seguintes: *Ubirajara*, *Jaguarê*, *uiraçaba*, *ubaia*, *jaguar*, *taba*, *Jandira*, *Aratuba*, *Craúba*, *sucuri*, *emburana*, *tocantins*, *Taari*, *araguaia*.

2 - Condições de produção

Diacronicamente, podemos situar a obra *Ubirajara* em sua primeira edição, que foi em 1874, com as inquietações políticas em que vivia esse país. A campanha

pela República e pela libertação dos escravos ganha as ruas. O período romântico se consubstancia num Brasil independente com crescente sentimento de nacionalismo. Assim, busca-se um passado histórico e a natureza pátria é bastante exaltada. Tudo isso, ainda, colabora para ofuscar enormes crises sociais, econômicas e financeiras desse recente país. O brasileiro, ante a independência ocorrida há pouco, proclamada em 1822, ansiava por uma resposta à pergunta sobre sua origem. Diante de uma sociedade desestruturada, carente e necessitada de uma identidade própria, Alencar buscava um representante da raça brasileira, alguém que pudesse transformar-se em personagem heróico da nossa literatura. Foi no índio brasileiro que viveu em séculos anteriores ao século XIX que o autor encontrou o seu herói brasileiro, já que o negro fora rejeitado devido sua condição de ser estrangeiro e escravo e o branco por lembrar o europeu colonizador. Nesse contexto, sob a tendência romântica que prima pela valorização de nossas origens surge, então, o romance indianista tendo em José de Alencar o seu especial representante. Esse autor reivindicava o direito dos brasileiros de terem uma língua e uma literatura própria, sem resquícios europeus e defendia que o desenvolvimento do Brasil dependia desses quesitos.

É indiscutível a riqueza literária, histórica e cultural dessa obra e o que ela representa para a arte brasileira. Todavia, trabalharemos no campo lexical, sobretudo no que tange ao sentimento nacionalista, à exaltação à natureza pátria e a tipificação ou abasileiramento da linguagem, pois na maioria das vezes, o fato de buscar os valores tipicamente brasileiros obrigou o autor a lançar mão de vocábulos indianistas ou até mesmo, criar novos vocábulos ou dar novos significados a palavras já existentes no léxico português.

A biografia de Alencar, seu estilo, em que ele mistura poesia e prosa exaltando a natureza, além da

ideologia com que a obra foi produzida serão apresentados nesse próximo item.

3 - Formação discursiva

José Martiniano de Alencar nasceu a 1º de maio de 1829 no Ceará. Filho de um senador do Império assiste várias reuniões que tramavam a maioridade de Pedro II. Mais tarde, ingressa na vida política e chega a Ministro da Justiça. Impedido pelo Imperador de assumir um cargo vitalício passa, então, a fazer parte da oposição. Esse autor surge na literatura brasileira como estabilizador do romance no Brasil e teve seu talento reconhecido e aprovado pelo povo. Trazem representadas em sua obra suas posições políticas e sociais. Trata-se de um proprietário de terras, político conservador, monarquista, escravocrata e nacionalista ao exagero. Toda a sua ideologia, principalmente o nacionalismo e a exaltação à natureza, transparecem em todos os seus livros de forma espontânea ou premeditada. Alencar defendia a troca de favores entre o nativo e o europeu colonizador, troncando-se assim, natureza por cultura. Segundo ele a soma desses fatores faria do Brasil um país independente. Esse autor defendia também a tentativa de estabelecer uma linguagem propriamente brasileira e tinha um estilo próprio de escrever.

Para dar maior verossimilhança às suas obras, Alencar pesquisava documentos autênticos e antigos e deles colhia informações, locais verídicos e nomes de pessoas que realmente existiram e usavam-nos, além de partículas da história do Brasil, em suas obras. Outro aspecto estilístico que deve ser ressaltado é que Alencar usou de expressões poéticas em seus romances, sobretudo nas descrições dos ambientes, personagens ou cenários e abusou de metáforas e sonoridade em suas descrições como é perceptível nesse trecho: “A **sombra** vai **descendo** da **serra** pelo vale e a

tristeza cai da **fronte sobre a face** de Jaguarê.” (Alencar, 1966, p.14). Perceba como o som do **s** e do **f** é trabalhado nessa frase transparecendo e trazendo certa melodia e cadência na leitura e como descreve poeticamente o estado de espírito do índio comparando a tristeza do mesmo à sombra ou à escuridão, pois, assim como a sombra desce da serra pelo vale a tristeza do personagem cai da frente sobre sua face.

O medievalismo, também, é perceptível nas obras, sobretudo, nas indianistas. Nessas, a figura do índio aparece como um guerreiro medieval cheio de virtudes. Eis alguns trechos que ocorrem termos usados na Idade Média: “Avistando uma mulher, a alegria do **mancebo** apagou-se no rosto sombrio.” (idem, p.14), “Ele pisa os campos de teus pais, como **senhor**.” (idem, p.17), “... concederá a vida e te levará **cativo** à taba...” (idem, p.26), “É a insígnia do **chefe** dos guerreiros (...) que conquistou na mocidade e ainda conserva, pois ninguém ousa disputa-la. (idem, p.28) “Para ter a **felicidade de servi-lo como escrava na paz**.” (idem, p. 29 grifo nosso). Tudo isso em um cenário poético, natural, paradisíaco, bem servido pela natureza como pode ser constatado em trechos como: “Os **veados saltam das moitas de ubaia** e vêm **retouçar na grama**.” (idem, p. 13 grifo nosso), “A **copa frondosa ramalhou**, como **as palmas do coqueiro** ao sopro do vento, e o **tronco gemeu até a raiz**.” (idem, p.15 grifo nosso). O uso de termos como *mancebo*, *senhor*, *cativo*, *servir ao amado como escrava* é bastante significativo. Esses fragmentos expõem como seria a sociedade idealizada por José de Alencar onde tudo seria pelo e para o senhor, inclusive fama, obediência, lealdade, coragem e poder.

Esta natureza exuberante e tipicamente brasileira com pessoas (homens), também, tipicamente brasileiras, foi melhor retratada nas obras indianistas, as quais, mais popularidade deram a Alencar. Seu indianismo reflete

perceptivelmente o nacionalismo e a exaltação à natureza brasileira defendidos pelo autor, sendo o romance *Ubirajara* o que apresenta o índio em seu estado mais puro. O autor em seus prefácios e no decorrer do romance fazia questão de tornar claro suas intenções com o enredo e o que esperava do leitor, direcionava toda a leitura e esclarecia cada palavra considerada por ele desconhecida. Assim, intercalando termos indígenas ou criando novas palavras em sua obra, ora usando método tupi de formação de palavras, ora usando palavras de origem tupi já existente e compilada em dicionários, Alencar tentava introduzir ou divulgar por meio de sua obra um linguajar, considerado por ele, como tipicamente brasileiro. Nesses termos, vejamos um comentário do próprio autor retirado das primeiras páginas da obra *Ubirajara*, intitulada como “Advertência”:

Este livro é irmão de Iracema. Chamei-lhe de lenda como ao outro. Nenhum título responde melhor pela propriedade, como pela modéstia, às tradições da pátria indígena. **Quem por desfastio percorrer estas páginas, se não tiver estudado com alma brasileira o berço de nossa nacionalidade, há de estranhar entre outras coisas a magnanimidade que ressumbra no drama selvagem a formar-lhe o vigoroso relevo.** (ALENCAR, 1966, p.11. Grifo nosso)

A parte em destaque no trecho citado acima deixa claro o ponto de vista do autor e o que ele pretendia com a obra. Explícita, também, sua ideologia nacionalista de que todo leitor deve ler a obra com ‘alma brasileira’, além de demonstrar sua admiração pelos nativos que segundo ele, representam o ‘berço de nossa nacionalidade’.

No próximo item analisaremos os verbetes selecionados.

4 - Análise dos verbetes

Passaremos à análise dos verbetes selecionados, apresentando-os organizados na ordem em que foram coletados na obra, a saber: **Ubirajara, Jaguarê, uiraçaba, ubaia, jaguar, taba, Jandira, Aratuba, Craúba, sucuri, emburana, tocantins, Taari, araguaia.**

O verbete **Ubirajara**, <Jandira pensou que ela não podia dar a **Ubirajara** a formosura da filha...> (Ubirajara, 1966, p.63, grifo nosso), que segundo o autor significa ‘senhor da lança’, seria o nome de uma nação indígena que viveu nas cabeceiras do rio São Francisco, cuja informação, Alencar esclarece em nota de rodapé e cita Gabriel Soares e sua obra ‘Roteiro do Brasil’. Este verbete, porém, não foi mencionado pelo Dicionário Histórico, contudo, foi citado por todos os demais dicionários analisados. O Dicionário Aurélio mencionou a origem tupi do verbete e o classificou como brasileirismo, mas divergiu do sentido dado pelo autor. Este dicionário o conceitua como o ‘senhor da terra’. Contudo, há um consenso entre os demais dicionários, inclusive em relação às informações dadas pelo autor, ao mencionar que Ubirajara era o nome de um povo ou uma nação indígena que viveu ao tempo do descobrimento do Brasil nas proximidades das nascentes do rio São Francisco. O dicionário Houaiss além de reforçar a origem tupi da palavra ainda acrescenta que para Silveira Bueno o verbete significa ‘dono das árvores, da floresta’ e menciona Luís Caldas Tibiriçá que percebe o mesmo significado dado pelo autor. Silveira Bueno o classifica como topônimo - Cidade paulista. Em relação ao dicionário de Francisco J. C. Aulete, este menciona uma antiga tribo indígena do centro, também chamada bilreiros e caiapós. Tais informações confirmam o estilo alencariano de misturar lugares, pessoas e acontecimentos reais com a ficção para enfatizar e garantir a verossimilhança. Também, são perceptíveis as discordâncias da maioria dos dicionaristas em relação ao sentido

trabalhado pelo autor na obra ao mencionar que Ubirajara traz o sentido de ‘senhor da laça’. Apenas Luís Caldas Tibiriçá citado pelo dicionário Houaiss percebe o mesmo sentido.

No que se refere ao verbete **Jaguarê**, <Pela margem do grande rio caminha **Jaguarê**, o jovem caçador.> (Idem, p.13), o autor explica a formação desta palavra dizendo-a como a junção de jaguar que significa onça mais o sufixo **ê** que na língua tupi reforça enfaticamente a palavra a que liga. Ele esclarece que Jaguarê significa onça, pois é digna por força, coragem e ferocidade. Precisamente neste verbete, percebe-se uma discrepância entre o sentido trabalhado pelo autor e os sentidos trabalhado pelos dois dicionários eletrônicos e o Contemporâneo da Língua Portuguesa, pois enquanto o autor afirma que o verbete Jaguarê significa onça, pela sua força, coragem e raça, os dicionários dizem que a palavra remete a um tipo de cãozinho selvagem com riscas no pelo, ou seja, a jaritaca ou gambá. Assim, as acepções encontradas nos dicionários contradizem a bravura, coragem e a ferocidade do animal que foi comparado ao personagem, descritas pelo autor na obra. Analisando o verbete **onça** foi observado que não há remissão à palavra **Jaguarê**. Em relação ao *Dicionário Histórico e Vocabulário Tupi – Guarani*, não houve menção a esse verbete. Devo acrescentar que o verbete somente foi encontrado nos dicionários com acento agudo e não com o circunflexo como está originalmente grafado na obra. Provavelmente, trata-se de uma criação vocabular de cunho semântico para reforçar as virtudes do personagem como força, coragem e ferocidade.

O verbete **uiraçaba**, <As flechas dormem no coldre da **uiraçaba**.> (Idem, p.13), vem definido pelo autor como um nome dado pelos tupis à aljava. Alencar demonstra a formação da palavra como a junção de **uirá** que significa seta, e **aba** desinência exprimindo o lugar, ou seja,

literalmente, ‘o que tem a seta’. Ao buscar esse verbete nos dicionários pesquisados, este, foi encontrado nesse formato apenas no Dicionário Histórico, o qual apesar de esclarecer que se tratava de uma palavra de origem duvidosa a conceituou da mesma forma que o autor. Como o autor usou o desmembramento da palavra para explicar o seu sentido, busquei nesses mesmos dicionários o conceito trabalhado por eles no verbete **uirá**. Constatei que o dicionário Aurélio e o Houaiss a caracterizam como vinda do tupi. O primeiro a define como Brasileirismo e Zoologia, já o segundo a traz como regionalismo: Brasil. Mas, ambos definem uirá com uma designação genérica para aves, ou seja, não menciona setas. Neste contexto, percebe-se que a acepção dada pelo autor na obra para a palavra que originou o verbete uiraçaba, difere radicalmente da apresentada por esses dicionários. Percebi também que todas as palavras originadas por esta apresentam-se relacionada com a ornitologia dentre as quais designam vários tipos como o **uiracu**, por exemplo, que é um tipo de gavião-real. Nas notas do autor, a palavra **uira** recebe um acento agudo na vogal **a**. Este acento, porém, não foi encontrado no dicionário Tupi, mas apareceu nos demais dicionários. Contudo, causa grande alteração no sentido tanto dentre os dicionários pesquisados quanto o trazido pelo autor. O verbete **uiracaba** provavelmente foi outra criação lexical do autor para enfatizar o uso desse objeto indígena e suas tradições. Pois, até mesmo, o Dicionário Histórico, o único dicionário que citou o verbete, não trouxe nenhuma definição para esse vocábulo, apenas direcionou o consulente às abonações retiradas de duas obras indianistas desse mesmo autor, a saber: *Iracema*, 1865 e *Ubirajara*, 1874. Contudo, por meio das abonações apresentadas por este dicionário foi possível perceber o sentido de objeto que porta as setas do personagem indígena assim como foi esclarecido por Alencar nas obras.

O verbete **ubaia**, <Os veados saltam das moitas de **ubaia** e vêm retouçar na grama, zombando do caçador.> (Idem, p. 13), não traz menção do autor, contudo, ele aparece em todos os dicionários pesquisados. Assim, enquanto o Aurélio o caracteriza como Brasileirismo e da Botânica, o dicionário Houaiss ressalta sua origem tupi e esclarece a mudança fonética dessa palavra, ocorrida na variação de uma oclusiva bilabial e sonora –b- numa fricativa labiodental sonora -v-. Também o dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, além de classificá-la como um Brasileirismo menciona o verbete **ubaia** como uma variação de **uvaia** e não comenta sua origem tupi. Já o Dicionário Histórico conceitua este verbete como uma árvore nativa que vive aos cuidados da natureza e a comparou a uma jabuticabeira e com um fruto de excelente sabor, característica bastante divergente da oferecida pelos dicionários Aurélio e Houaiss que ressaltam o sabor ‘muito ácido e azedo’ do fruto dessa planta.

Já os verbetes **jaguar** e **taba**, <O rugido do **jaguar** abala à floresta; mas o caçador também despreza o jaguar, que já cansou de vencer. > (Idem, p.13), <Por isso deixou a **taba** dos seus e a presença de Jandira, a virgem formosa que lhe guarda o seio de esposa. > (Idem, p. 14), são mencionados por todos os dicionários pesquisados, inclusive a origem tupi dessas palavras. São coincidentes também os conceitos. Divergem apenas no que se refere às marcas de uso em que o Aurélio as mencionam como Brasileirismos e o Houaiss as descrevem como Regionalismo: Brasil.

Em relação ao verbete **Jandira**, <...a presença de **Jandira**, a virgem formosa que lhe guarda o seio de esposa. > (Idem, p. 14), o autor a classifica como uma contração da palavra **jandaíra** que é o nome de uma abelha que fabrica excelente mel. Contudo, esse verbete foi encontrado apenas no Vocabulário Tupi Guarani – Português dentre os

dicionários pesquisados. Silveira Bueno o conceituou de acordo com o autor.

Situação semelhante ocorreu com o verbete **Aratuba**, <...e três vezes como agora deitou-se além das montanhas da **Aratuba**, sem mostrar-lhe um inimigo digno de seu valor. > (Idem, p.14), o qual o autor o classifica como uma palavra composta por **ara** – **sol** e – **tuba** infinitivo do verbo **ajub-** estar deitado. Alencar esclarece que o significado de **Aratuba** vem a ser leito do sol, aplicada pelos índios à montanha do poente... Este verbete foi citado apenas por Silveira Bueno como um topônimo, lugar onde há muitos papagaios. Esse dicionário demonstra que a palavra **Aratuba** vem de **ara** e **tyba**, Ceará. Segundo ele **tyba** é variante de **tuba** – lugar de muitos oraças (frutas silvestre de sabor agradável) e pessoas. Já nos demais dicionários não houve menção. Ao comparar os sentidos é perceptível a diferença entre o mencionado pelo autor e que é oferecido pelo Vocabulário Tupi Guarani – Português. Nesse contexto, o verbete **Aratuba** significando leito do sol, também pode ser uma criação léxica do autor, o mesmo caso pode ter acontecido também com o verbete **Jandira**, mesmo sendo uma contração da palavra **jandaíra**. O autor pode tê-la criado para enfatizar a principal virtude da personagem que assim como as abelhas trabalhava e sempre servia o amado com fidelidade mortal. Apesar, que dar nome de animais a guerreiros sempre foi um costume indígena, principalmente, aqueles índios mais bravos e ferozes. Nesse caso, Alencar comparou uma personagem dócil e obediente a uma abelha operária que vive em colméias e trabalha pelo todo, por e para sua rainha.

O verbete **craúba**, <O jovem caçador empunha a lança de duas pontas, feita da roxa **craúba**, mais rija que o ferro. > (Idem, p. 15), aparece conceituado pelo autor, cuja informação menciona que **craúba** é a mesma **carabiúba** dos índios, assim contraída pelo uso dos sertanejos. Trata-se de

madeira roxa e muito rija. Interessante perceber que esse verbete aparece no Dicionário Histórico, o qual não traz definição desse lexema (assim como ocorreu com o verbete uiraçaba) apenas remete o consulente às abonações retiradas de duas obras de José de Alencar: *Ubirajara* e *Iracema*. Tais abonações foram colhidas na íntegra da obra, as mesmas usadas pelo autor para esclarecer o leitor sobre sentido dessa palavra. Em relação aos demais dicionários, não houve menção pelo Dicionário Aurélio. Contudo, o verbete **craúba** aparece em todos os demais dicionários pesquisados, dos quais, todos confirmam a origem tupi desse termo e com as definições coincidentes.

Os termos **sucuri** e **emburana**, <Respondeu o ronco da **sucuri** na madre do rio e o urro do tigre escondido na furna; mas outro grito de guerra não acudiu ao desafio do caçador. > (Idem, p. 15), < Jaguarê arremessou a lança, que vibrou nos ares e foi cravar-se além no grosso tronco da **emburana**. > (Idem, p.15), apesar de não terem sido conceituadas pelo autor, apareceram em todos os dicionários pesquisados. Em relação a marcas de uso, o Aurélio classificou **sucuri** como Brasileirismo e da Zoologia, o dicionário Houaiss não fez menção sobre tais marcas, já o dicionário de Francisco J. C. Aulete classificou a palavra **emburana** como Brasileirismo de origem tupi. Em relação ao termo **emburana**, este foi encontrado nos dicionários apenas na forma **imburana**, ou seja, uma variação que deve ter ocorrido no decorrer do tempo, entre as vogais e e i. O dicionário Aurélio e o F. J. C. Aulete também citam outra possível variação para esta palavra, a saber, **umburana**. Contudo, aquele não menciona a origem tupi desse termo nem faz remissão à variação encontrada na obra que foi grafada com e.

O verbete **tocantins**, <Pela faixa cor de ouro, tecida das penas do tucano, jaguarê conheceu que era filha da valente nação dos **tocantins**, senhora do grande rio, cujas

margens ele pisava. > (Idem, p.15), apenas não foi encontrado no Dicionário Histórico, e o Vocabulário Tupi Guarani – Português de Silveira Brueno apresentou o termo como de origem de **tucantins**, ou seja, da junção da palavra **tucan** mais **tim** que significa nariz de tucano ou bico de tucano. Todos os dicionários pesquisados ressaltaram a origem tupi desse termo e tiveram conceitos coincidentes. Não houve menção sobre marcas de uso.

O termo **Taari**, <A virgem reconheceu cocar da nação que na última lua chegara aos campos do **Taari** e da qual os pajés tinham dado notícia. > (Idem, p.16), o qual o autor esclarece que se trata de um rio que despeja no Tocantins, pouco depois da confluência do Araguaia, não foi encontrado em nenhum dos dicionários pesquisados. Contudo, acredita-se que tal termo pode ser um lugar fictício criado pelo autor para indicar o lugar da cena, ou um topônimo não muito conhecido.

Em relação ao verbete **araguaia**, <Guerreiro **araguaia**, pois vejo pela pena vermelha de teu cocar que pertences a essa nação valente; > (Idem, p.16), o autor traz que o nome é **araguara**, de **ara** e **guara**, literalmente, os guerreiros das araras, porque usavam nos ornatos as penas encarnadas daquelas aves e finaliza esclarecendo que conservou a versão que ficou no nome do rio. Esse termo não foi citado nem pelo dicionário Aurélio nem no Houaiss, já o Dicionário Histórico conceitua esse termo como uma ave. O dicionário de F. J. C. Aulete afirma que se trata de uma espécie de gramínea forrageira e como marca de uso este dicionário o classifica como um Brasileirismo de origem Tupi. Interessante perceber que um termo conhecido como esse não apareça nos principais e atuais dicionários brasileiros. Outro fator perceptível são as divergências nas definições trazidas pelos dicionários, nos quais foram encontradas menções sobre o termo. O primeiro o conceitua como uma ave e o segundo como uma gramínea. Uma

discrepância de sentido que dificulta a compreensão e torna o processo desacreditado, já que os dicionários funcionam como acervos de expressões de vários momentos da língua e constituem ou estabelecem um determinado padrão lingüístico trazendo informação e comunicação às comunidades lingüísticas.

4 – Considerações Finais

A análise mostrou que grande parte das palavras pesquisadas que já se encontram dicionarizadas foram classificadas como de origem tupi, e as que foram consideradas como criações lexicais do autor também seguiram o processo de formação de palavras da língua tupi, a qual se forma pela junção de pequenas palavras. Assim é perceptível que o autor buscou nessa fonte muitos de seus conhecimentos a respeito do linguajar indígena. Outra observação a ser feita é que no que tange a marcas de uso, todas as palavras consideradas de origem Tupi foram classificadas pelo dicionário Aurélio como Brasileirismo e o Dicionário Houaiss as classificaram com Regionalismo: Brasil. Já o Dicionário Histórico não faz menção a marcas de uso, em alguns casos não oferece definição dos termos, apenas remete o leitor às abonações que são extraídas das obras, as quais aparecem com a data da publicação e o nome do autor.

Podemos tecer algumas conclusões a respeito dos verbetes analisados. Os verbetes trazem a expressão do autor e demonstram o sistema de idéias que Alencar apresentava com intuito de trazer originalidade à linguagem e à literatura tornando-as tipicamente brasileira. Outra observação pertinente é o fato de tais verbetes representarem sempre animais, lugares, rios, plantas e nomes, fato este que comprova o desejo alencariano de traduzir para os romances um Brasil de natureza virgem e pitoresca para os brasileiros.

A obra *Ubirajara*, de José de Alencar, retrata toda uma época, e traz consigo a ideologia do autor de criação do mito ou herói brasileiro em seu estado mais puro e a exaltação à natureza pátria. Para entendê-la, faz-se necessário um estudo abrangente, enciclopédico que retome o sujeito em seu contexto social. Dessa forma, o léxico contido na obra *Ubirajara* pode, então, representar toda uma ideologia voltada à realidade da época vivida por Alencar em pleno século XIX. Estudar o léxico de uma obra como esta é perceber as transformações que um sistema social e um sistema cultural passa, mantendo vivos registros e idéias que revelam as facetas culturais do universo do discurso de uma determinada comunidade lingüística.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Ubirajara: Lenda Tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Delta, 1964.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Vocabulário Tupi Guarani – Português*. Rev. e aum. São Paulo, 1987.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio. Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (formato eletrônico)
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (formato eletrônico)